

# 1

Tom estava no jardim quando tocou o telefone. Deixou que Mme. Annette, a governanta, atendesse e continuou a raspar o musgo húmido que se agarrava aos degraus de pedra. Estava um outubro chuvoso.

«M. *Tome!*», disse a voz soprano de Mme. Annette. «É Londres!»

«Vou já», gritou Tom. Largou a colher de pedreiro e subiu os degraus.

O telefone do rés do chão estava na sala. Tom não se sentou no sofá de cetim amarelo porque estava de *Levi's*.

«Olá, Tom. Jeff Constant. Olha...» *Burp.*

«Podes falar mais alto? A ligação está péssima.»

«Está melhor assim? Ouço-te perfeitamente.»

As pessoas em Londres ouvem sempre bem.

«Recebeste a minha carta?»

«Não», disse Tom.

«Oh. Estamos em apuros. Queria avisar-te. Há um...»

Ruídos de fundo, um clique surdo e foram interrompidos.

«Bolas», disse Tom calmamente. Avisá-lo? Haveria algo de errado com a galeria? Com a Derwatt Ltd.? Avisá-lo a *ele*? Tom quase não estava envolvido. Tinha inventado a ideia da Derwatt Ltd., era verdade, e recebia daí um pequeno rendimento, mas... Tom olhou para o telefone, à espera de que ele voltasse a tocar a qualquer momento. Ou deveria ligar ele para Jeff? Não, não sabia se Jeff estava no seu estúdio ou na galeria. Jeff Constant era fotógrafo.

Tom caminhou para as portas de vidro que davam para o jardim traseiro. Ia raspar mais um pouco de musgo, pensou. Tom jardinava

descontraidamente e gostava de passar assim uma hora por dia, a cortar relva com o cortador manual, a varrer e queimar pedaços de madeira, a arrancar as ervas daninhas. Era uma forma de exercício e ainda podia sonhar ao mesmo tempo. Mal tinha recomeçado com a colher de pedreiro, quando tocou o telefone.

Mme. Annette entrava na sala com um espanador nas mãos. Era baixa e forte, com cerca de sessenta anos e um ar de boa disposição. Não sabia uma palavra de inglês e parecia incapaz de aprender alguma, nem mesmo «bom dia», o que agradava muito a Tom.

«Eu atendo, madame», disse Tom, e pegou no telefone.

«Olá», disse a voz de Jeff. «Olha, Tom, queria saber se podias cá vir. A Londres, eu...»

«Tu quê?» Era de novo uma ligação deficiente, mas não tão má.

«Eu disse... expliquei tudo numa carta. Não posso explicar agora. Mas é importante, Tom.»

«Alguém cometeu um erro?... O Bernard?»

«De certa maneira. Há um homem que vem de Nova Iorque, provavelmente amanhã.»

«Quem?»

«Expliquei tudo na minha carta. Sabes que a exposição de Derwatt abre na terça-feira. Eu aguento-o até lá.» Jeff parecia bastante preocupado. «Estás disponível, Tom?»

«Bem... sim.» Mas Tom não queria ir a Londres.

«Tenta ocultar isto da Héloïse. Que vens a Londres, quero dizer.»

«A Héloïse está na Grécia.»

«Oh, ainda bem.» A primeira nota de alívio na voz de Jeff.

A carta de Jeff chegou naquela tarde às cinco, via expresso e registada.

*104 Charles Place*

*N. W. 8.*

*Caro Tom,*

*A nova exposição de Derwatt abre na terça-feira, dia 15, é a sua primeira em dois anos. O Bernard tem dezanove telas novas e outras serão emprestadas. Agora as más notícias:*

*Há um americano chamado Thomas Murchison, que não é um vendedor, mas sim um colecionador reformado, com muita massa.*

*Comprou-nos um Derwatt há três anos. Comparou-o com um mais antigo, que acabou de ver nos Estados Unidos, e agora diz que o dele é falso. E é, como é óbvio, pois é uma das pinturas do Bernard. Ele escreveu à Buckmaster Gallery (para mim) dizendo que pensa que o quadro que tem não é genuíno, pois a técnica e as cores pertencem a uma fase de Derwatt cinco ou seis anos anterior à data do quadro. Tenho a nítida sensação de que o Murchison tenciona armar sarilho aqui. O que vamos fazer a este respeito? És sempre bom em ideias, Tom.*

*Podes vir até cá falar connosco? Com todas as despesas pagas pela Buckmaster Gallery? Precisamos de uma dose de coragem. Não penso que o Bernard tenha estragado algum dos quadros novos. Mas ele está desorientado e não o queremos por cá, nem na inauguração, sobretudo na inauguração.*

*Por favor, vem já, se puderes!*

*Um abraço,  
Jeff*

*P.S. A carta do Murchison era cordial, mas supõe que ele é do tipo de insistir em procurar Derwatt no México para se certificar, etc.?*

Este último ponto era importante, pensou Tom, pois Derwatt não existia. A história (inventada por Tom) que a Buckmaster Gallery e o pequeno bando de amigos leais a Derwatt contavam era que Derwatt tinha ido viver para uma pequena aldeia no México, não recebia ninguém, não tinha telefone e proibia a galeria de dar a sua morada a quem quer que fosse. Bem, se Murchison fosse ao México teria de fazer uma busca exaustiva, o suficiente para ocupar qualquer homem durante uma vida inteira.

Tom podia prever que Murchison — que provavelmente traria o seu Derwatt consigo — iria falar com outros negociantes de arte e depois com a imprensa. Podia levantar suspeitas e a Derwatt Ltd. podia estoirar. Seria que a quadrilha o implicaria? (Tom pensava sempre nos da galeria, os velhos amigos de Derwatt, como «a quadrilha», embora detestasse o termo sempre que se lembrava dele.) E Bernard poderia mencionar Tom Ripley, pensou Tom, não por maldade, mas devido à sua louca — quase divina — honestidade.

Tom tinha mantido o seu nome e reputação limpos, surpreendentemente limpos, tendo em conta tudo o que fazia. Seria embaraçante ver nos jornais franceses que Thomas Ripley, de Villeperce-sur-Seine, marido de Héloïse Plisson, filha de Jacques Plisson, milionário, dono da Pharmaceutiques Plisson, tinha inventado a fraude lucrativa da Derwatt Ltd., auferindo dela, desde há anos, uma percentagem, ainda que apenas de dez por cento. Seria de um mau gosto excessivo. Até a Héloïse, cuja moralidade Tom considerava praticamente inexistente, poderia reagir a isto; e de certeza que o pai faria pressão sobre ela (cortando a mesada) para obtenção do divórcio.

Derwatt Ltd. era agora uma coisa grande e um colapso teria ramificações. O negócio lucrativo de materiais de arte com o nome de «Derwatt», do qual a quadrilha, e Tom, recebiam direitos, iria por água abaixo. E havia ainda a Escola de Arte Derwatt, em Perugia, praticamente só para simpáticas velhinhas e raparigas americanas em férias, mas também uma fonte de rendimentos. A escola de arte recebia mais dinheiro agindo como agência imobiliária (encontrando casas e apartamentos mobilados dos mais caros para turistas endinheirados e recebendo uma comissão) do que das propinas e da venda de materiais de arte. A escola era dirigida por um par de maricas ingleses, que não sabiam da burla sobre Derwatt.

Tom não conseguiu tomar uma decisão quanto à sua ida a Londres. O que é que lhe poderia dizer? E não compreendia bem o problema: um pintor não podia voltar a uma técnica anterior para pintar um quadro?

«*M'sieur* prefere costeletas de borrego ou fiambre para hoje?», perguntou Mme. Annette a Tom.

«Costeletas de borrego, acho eu. Obrigado. E como está o seu dente?» Naquele dia de manhã, Mme. Annette tinha ido ao dentista da aldeia, em quem depositava grande confiança, por causa de um dente que a tinha mantido acordada toda a noite.

«Agora não tenho dores. Ele é tão simpático, o Dr. Grenier! Ele disse que era um abscesso, mas abriu o dente e disse que o nervo cairia.»

Tom fez que sim com a cabeça, mas ficou sem saber como é que um nervo podia cair; por efeito da gravidade, presumivelmente. Uma vez tiveram de cavar esforçadamente para retirar o nervo de um dos seus dentes, e para mais um dente do maxilar superior.

«Teve boas notícias de Londres?»

«Não, bem... apenas uma chamada de um amigo.»

«Algumas notícias da Mme. Héloïse?»

«Hoje não.»

«Ah, imagine o sol! Grécia!» Mme. Annette estava a limpar o já brilhante tampo de uma grande arca de carvalho junto à lareira. «Olhe! Villeperce não tem sol. O inverno já chegou.»

«Pois é.» Ultimamente, Mme. Annette dizia a mesma coisa todos os dias.

Tom só esperava ver Héloïse por alturas do Natal. Mas também podia acontecer que ela aparecesse inesperadamente, ou por ter tido uma pequena zanga com os amigos, ou simplesmente por ter mudado de ideias acerca de permanecer num barco por tanto tempo. Héloïse era impulsiva.

Pôs um disco dos Beatles para levantar o moral e depois começou a passear à volta da espaçosa sala de estar, com as mãos nos bolsos. Adorava a casa. Era quase quadrada, com dois andares, construída em pedra cinzenta, com quatro torres sobre quatro quartos redondos no andar de cima, fazendo com que a casa parecesse um pequeno castelo. O jardim era enorme, e mesmo ao nível americano a casa tinha custado uma fortuna. O pai de Héloïse tinha-lhes dado a casa há três anos como prenda de casamento. Nos tempos antes de casado, Tom tinha precisado de algum dinheiro extra, o dinheiro de Greenleaf não era suficiente para levar a vida a que se tinha acostumado e foi por isso que reteve a sua parte no caso Derwatt. Agora estava arrependido. Tinha aceitado dez por cento numa altura em que dez por cento era muito pouco. Nem mesmo ele tinha imaginado que Derwatt iria crescer da maneira como cresceu.

Tom passou aquela noite como passava quase todas, em sossego e sozinho, mas tinha a mente conturbada. Ouviu discos baixinho enquanto comia e leu Servan-Schreiber em francês. Encontrou duas palavras que não conhecia. Iria procurar o significado delas no dicionário *Harrap's* que tinha à cabeceira. Era-lhe fácil reter palavras na memória para depois ir consultar o dicionário.

Depois de jantar vestiu a gabardina, embora não estivesse a chover, e caminhou até um pequeno café-bar que ficava a um quarto de milha. Nalgumas noites tomava aqui café, de pé ao balcão. Inevita-